

AMY HARMON

beleza perdida

Tradução

Monique D'Orazio



VERUS
EDITORA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Cleide Salme

Revisão

Raquel de Sena Rodrigues Tersi

Capa, projeto gráfico e diagramação da versão impressa

André S. Tavares da Silva

Fotos da capa

© Lisa S./Shutterstock.com (homem)

© RWLinder/Rgbstock.com (banco)

Título original*Making Faces*

ISBN: 978-85-7686-448-6

Copyright © Amy Harmon, 2013

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2015

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

H251b

Harmon, Amy

Beleza perdida [recurso eletrônico] / Amy Harmon; tradução Monique d'Orazio. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2015.

recurso digital

Tradução de: Making Faces

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-448-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. D'Orazio, Monique. II. Título.

15-22436

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

*Para a família Roos:
David, Angie, Aaron, Garrett e Cameron*

Sou apenas um,
Mas ainda sou um.
Não posso fazer tudo,
Mas ainda posso fazer algo;
E, porque não posso fazer tudo,
Não vou me recusar a fazer aquilo que posso.

— EDWARD EVERETT HALE

prólogo

— Os gregos antigos acreditavam que, após a morte, todas as almas, quer fossem boas ou más, desceriam ao mundo inferior, o reino de Hades, nas profundezas da terra, e lá habitariam pela eternidade — Bailey leu em voz alta, seus olhos voando pela página. — O mundo inferior era guardado do mundo dos vivos por Cérbero, um cão enorme, cruel, de três cabeças, com cauda de dragão e cabeças de serpente nas costas.

Bailey estremeceu com a imagem que se formou em sua mente, imaginando como Hércules se sentiria quando visse a besta pela primeira vez, sabendo que teria de dominar o animal com nada além das mãos.

— Era a tarefa final de Hércules, o último trabalho a ser realizado, e seria a missão mais difícil de todas. Hércules sabia que, uma vez no submundo, enfrentando monstros e fantasmas, lutando contra demônios e criaturas míticas de todo tipo ao longo do caminho, poderia nunca mais retornar para a terra dos vivos. Porém a morte não o assustava. Hércules a enfrentara muitas vezes e ansiava pelo dia em que seria liberto de sua servidão interminável. Então Hércules seguiu, secretamente desejando ver no reino de Hades a alma

dos entes queridos que havia perdido e pelos quais agora pagava penitência.

ser uma superestrela ou um super-herói

PRIMEIRO DIA DE AULA — SETEMBRO DE 2001

O ginásio do colégio estava tão barulhento que Fern precisou se inclinar até perto da orelha de Bailey e gritar para ser ouvida. Bailey era mais que capaz de manobrar a cadeira de rodas através do grupo agitado de alunos, mas Fern o empurrou para que pudessem ficar juntos com mais facilidade.

— Está vendo a Rita? — gritou Fern, os olhos percorrendo o lugar. Rita sabia que tinham de se sentar na parte de baixo da arquibancada, para que Bailey pudesse ficar perto delas. Bailey apontou com o dedo, e Fern seguiu com o olhar na direção até onde Rita acenava freneticamente, fazendo seus seios pularem e o volumoso cabelo loiro se agitar loucamente em volta dos ombros. Seguiram o caminho até ela, e Fern deixou Bailey assumir o controle da cadeira enquanto ela subia até a segunda fileira, sentando-se logo atrás de Rita, para que ele pudesse posicionar a cadeira no final do banco.

Fern odiava as reuniões de alunos na quadra antes de eventos esportivos. Ela era pequena e costumava ser empurrada e espremida, não importava onde se sentasse, além de ter pouco interesse em torcer e bater os pés. Suspirou, acomodando-se para a meia hora de gritaria, música alta e jogadores de futebol americano levantando a galera num frenesi.

— Por favor, levantem-se para o hino nacional — anunciou uma voz, e o microfone protestou com um ruído agudo, fazendo as pessoas se encolherem e cobrirem as orelhas, mas tendo sucesso em deixar o ginásio silencioso. — Meninos e meninas, hoje temos uma surpresa especial. — Connor O’Toole, também conhecido como Beans, estava segurando o microfone com um sorriso malicioso no rosto. Ele estava aprontando alguma e imediatamente teve a atenção de todos.

Beans era descendente de irlandeses e hispânicos, e seu nariz arrebitado, os olhos brilhantes cor de amêndoas e o sorriso brincalhão não combinavam com sua pele mais morena. E ele era bom de papo; era óbvio que adorava seu tempo no microfone.

— Meu amigo e também amigo de vocês, Ambrose Young, perdeu uma aposta. Ele disse que, se ganhássemos nosso primeiro jogo, cantaria o hino nacional nessa reunião aqui no ginásio.

Suspiros de surpresa foram ouvidos, e o volume nas arquibancadas subiu no mesmo instante.

— Mas não apenas ganhamos nosso primeiro jogo, como ganhamos o segundo também! — O público rugiu e bateu os pés. — Então, sendo um homem de palavra, aqui está Ambrose Young, cantando o hino nacional — disse Beans e acenou com o microfone na direção do amigo.

Beans era pequeno. Embora estivesse no último ano, era um dos jogadores mais baixos do time e era mais adequado à luta livre que ao futebol americano.

Ambrose também estava no último ano. Mas ele não era pequeno. Era bem mais alto que Beans — seu bíceps era quase do tamanho da cabeça do amigo — e parecia um daqueles caras de capa de romance. Até seu nome parecia pertencer a alguma personagem de literatura picante. E Fern sabia. Havia lido milhares desses livros. Machos alfa, abdômenes tanquinho, olhares poderosos, finais felizes. Mas ninguém nunca se compararia a Ambrose Young. Nem na ficção, nem na vida real.

Para Fern, Ambrose Young era absolutamente lindo, um deus grego entre os mortais, um ser de contos de fadas e de telas de cinema. Diferente dos outros garotos, ele usava o cabelo escuro em ondas que chegavam aos ombros, de vez em quando jogando para trás, para que não caísse nos olhos castanhos de cílios espessos. O formato quadrado de seu queixo talhado o impedia de ser bonitinho demais; isso e o fato de que tinha 1,90 metro de altura — sem sapatos —, pesava robustos noventa e sete quilos aos dezoito anos e tinha

um corpo repleto de músculos, dos ombros até as panturrilhas definidas.

Rumores diziam que a mãe de Ambrose, Lily Grafton, durante sua busca pela fama, havia se envolvido com um modelo italiano de cuecas em Nova York. O envolvimento rapidamente acabou quando ele descobriu que Lily estava grávida. Abandonada e esperando um filho, ela voltou mancando para casa e foi recebida pelos braços confortáveis do velho amigo, Elliott Young, que se casou com ela de bom grado e acolheu o bebê seis meses depois.

A cidade prestou atenção especial no lindo bebê enquanto ele crescia, especialmente quando o pequeno e loiro Elliott Young acabou tendo um filho musculoso, com cabelos e olhos escuros e um físico digno de, bem, de um modelo de cuecas. Catorze anos depois, quando Lily largou Elliott Young e se mudou para Nova York, ninguém ficou surpreso que ela fosse voltar a procurar o pai biológico de Ambrose. A surpresa veio quando o garoto de catorze anos permaneceu em Hannah Lake, com Elliott.

Na época, Ambrose já era figurinha carimbada na cidade pequena, e as pessoas especulavam sobre a razão de ele ter ficado. O rapaz lançava dardos como um guerreiro mítico e derrubava adversários no campo de futebol como se eles fossem feitos de papel. Quando tinha quinze anos, Ambrose levou seu time mirim de basquete para o campeonato regional e conseguia arremessos incríveis com a bola. Todas essas coisas eram notáveis; mas, em Hannah Lake, Pensilvânia,

uma cidade que fechava o comércio para duelos locais e seguia as pontuações esportivas do estado como se fossem números vencedores da loteria, onde a luta livre era uma obsessão que rivalizava com a posição do futebol americano no Texas, era a habilidade de Ambrose Young na arena de luta que o havia tornado uma celebridade.

A multidão ficou silenciosa no instante em que Ambrose pegou o microfone, esperando pelo que seria um massacre altamente divertido do hino. Ambrose era conhecido por sua força, pela aparência bonita e destreza atlética, mas ninguém nunca o tinha ouvido cantar. O silêncio estava saturado de expectativa boba. Ambrose colocou o cabelo para trás e enfiou a mão no bolso, como se estivesse pouco à vontade. Depois fixou os olhos na bandeira e começou a cantar.

— Ó, disseis, podeis ver, na primeira luz do amanhecer... — Mais uma vez era possível ouvir o espanto da plateia. Não porque fosse ruim, mas porque era maravilhoso. Ambrose Young tinha uma voz que fazia jus ao corpo do qual ela saía. Era macia e grave, impossivelmente poderosa. Se chocolate amargo pudesse cantar, cantaria como Ambrose Young.

Fern estremeceu quando a voz dele a envolveu como uma âncora, alojando-se fundo em sua barriga, puxando-a para baixo. Quando deu por si, seus olhos estavam se fechando por trás dos óculos grossos, e ela deixou o som inundá-la. Era incrível.

— Sobre a terra dos livres... — a voz de Ambrose chegou ao ápice e Fern sentiu como se tivesse escalado o Everest, sem

fôlego, agitada e triunfante. — E o lar dos valentes! — A multidão rugiu em volta dela, mas Fern ainda estava presa àquela nota final.

— Fern! — a voz de Rita ecoou. Ela empurrou a perna da amiga, que a ignorou. Fern estava no meio de um momento. Um momento, na opinião dela, com a voz mais linda do planeta.

— A Fern está tendo o primeiro orgasmo. — Uma das amigas de Rita deu uma risadinha. Os olhos de Fern se abriram de repente para ver Rita, Bailey e Cindy Miller olhando para ela com um grande sorriso estampado no rosto. Felizmente, os aplausos e a resposta animada dos presentes impediram que outros ouvissem o comentário humilhante de Cindy.

Pequena e pálida, com cabelo ruivo vivo e feições esquecíveis, Fern sabia que era o tipo de garota que passava despercebida, era facilmente ignorada e com quem ninguém sonhava. Havia flutuado pela infância sem dramas e com pouco alarde, ancorada na perfeita consciência da própria mediocridade.

Como Zacarias e Isabel, pais do bíblico João Batista, os pais de Fern já estavam bem além da idade de ter filhos quando, de repente, se viram com uma adição à família a caminho. Joshua Taylor, de cinquenta anos, pastor popular na cidadezinha de Hannah Lake, ficou sem ação quando a esposa, com quem estava casado havia quinze anos, disse, chorosa, que ia ter um bebê. O queixo dele caiu, as mãos

tremeram. Não fosse pela alegria serena estampada no rosto da esposa de quarenta e cinco anos, Rachel, ele teria pensado que ela estava pregando uma peça pela primeira vez na vida. Fern nasceu sete meses depois, um milagre inesperado, e a cidade toda celebrou com o amado casal. Fern achava irônico que um dia tivesse sido considerada um milagre, quando sua vida não havia sido nada milagrosa.

Fern tirou os óculos e começou a limpá-los na barra da camiseta, conseguindo, com eficiência, deixar-se cega para os rostos divertidos ao redor. Que rissem. Porque a verdade era que ela se sentia ao mesmo tempo zozza e eufórica, como costumava se sentir depois de uma cena de amor especialmente gratificante em um de seus romances favoritos. Fern Taylor amava Ambrose Young; amava-o desde que tinha dez anos e ouvira a voz dele se erguer em um tipo muito diferente de música; porém agora ele alcançava um nível inteiramente novo de beleza, e Fern estava admirada e inebriada que um garoto pudesse ter recebido tanto da natureza.



AGOSTO DE 1994

Fern caminhava entediada para a casa de Bailey, depois de ter terminado cada um dos livros emprestados da biblioteca na semana anterior. Encontrou Bailey sentado como uma estátua

nos degraus de concreto que levavam à porta da frente de sua casa, os olhos concentrados em algo na calçada logo adiante. Ele foi retirado de seu devaneio somente quando o pé de Fern por pouco não pisou no objeto de seu fascínio. Bailey deu um berro, e Fern soltou um gritinho quando viu a enorme aranha marrom a poucos centímetros de seus pés.

A aranha continuou seu caminho, atravessando lentamente o longo trecho de concreto. Bailey disse que a estava seguindo havia meia hora, nunca ficando perto demais, porque, afinal de contas, era uma aranha e era nojenta. Era a maior aranha que Fern já tinha visto. O corpo era do tamanho de uma moeda de cinco centavos, mas, com as pernas finas e compridas, chegava facilmente ao tamanho de uma moeda de cinquenta centavos, e Bailey parecia fascinado por ela. Afinal, ele era menino, e a aranha era nojenta.

Fern se sentou ao lado dele, observando a aranha atravessar a calçada da casa de Bailey com toda a calma. A aranha percorria uma linha tortuosa, como se fosse um velho passeando, sem pressa, sem medo, sem nenhum objetivo aparente na cabeça, um cidadão vivido, membros delgados e longos, desdobrando cuidadosamente cada perna a cada passo. Assistiam à aranha fascinados pela beleza aterrorizante. O pensamento pegou Fern de surpresa. Ela era bonita, embora a assustasse.

— Ela é legal — Fern disse, admirada.

— Dã! Ela é incrível — disse Bailey, sem nunca desviar os olhos. — Eu gostaria de ter oito pernas. Fico me perguntando por que o Homem-Aranha não ganhou oito pernas quando foi

mordido por aquela aranha radioativa. Ele ganhou uma visão ótima e muita força, além da capacidade de fazer teias. Por que não as pernas extras? Ei! Talvez o veneno da aranha cure distrofia muscular e, se eu deixar esse bicho me morder, vou ficar grande e forte — Bailey refletiu, coçando o queixo como se estivesse realmente considerando a hipótese.

— Humm. Eu não me arriscaria. — Fern estremeceu. Eles voltaram a ficar compenetrados e nenhum dos dois percebeu o menino andando de bicicleta pela calçada.

O garoto viu Bailey e Fern sentados e tão parados, tão silenciosos, que seu interesse foi despertado imediatamente. Ele desceu da bicicleta, colocou-a sobre a grama e seguiu o olhar de Fern e Bailey até onde a aranha marrom enorme se arrastava pela calçada na frente da casa. A mãe do menino morria de medo de aranhas. Ela sempre o fazia matá-las na mesma hora. O garoto tinha matado tantas que nem tinha mais medo delas. Talvez Bailey e Fern estivessem com medo. Talvez estivessem morrendo de medo, tão assustados que nem conseguissem se mexer. Ele podia ajudar. Correu até a calçada e esmagou a aranha sob o grande tênis branco. Pronto.

Dois pares de olhos horrorizados dispararam para ele.

— Ambrose! — Bailey gritou, estarrecido.

— Você matou a aranha! — Fern sussurrou, chocada.

— Você matou a aranha! — Bailey berrou, colocando-se de pé para em seguida sair cambaleando pela calçada. Ele olhou para a sujeira marrom que tinha ocupado a última hora de sua vida. — Eu precisava do veneno dela! — Bailey ainda estava

tomado pelas próprias fantasias de curas de aranha e super-heróis. Então surpreendeu a todos ao cair no choro.

Ambrose ficou olhando para Bailey, boquiaberto, e depois observou o garoto subir os degraus com pernas não muito firmes e entrar em casa, batendo a porta atrás de si. Ambrose fechou a boca e enfiou as mãos nos bolsos da bermuda.

— Desculpa — ele disse a Fern. — Pensei... Pensei que vocês estivessem com medo. Vocês estavam sentados aí, olhando para ela sem fazer nada. Eu não tenho medo de aranhas. Só estava tentando ajudar.

— Será que devemos enterrar? — perguntou Fern, os olhos tristes por trás dos óculos grandes.

— Enterrar a aranha? — Ambrose perguntou, espantado. — Era de estimação?

— Não. A gente acabou de conhecer — disse Fern, séria. — Mas talvez isso faça o Bailey se sentir melhor.

— Por que ele ficou tão triste?

— Porque a aranha morreu.

— E daí? — Ambrose não estava tentando ser um idiota, apenas não entendia. E a cabecinha ruiva com cabelo rebelde e cacheado estava meio que o assustando. Ele já a tinha visto na escola e sabia seu nome, mas não tinham contato. Ele se perguntou se ela era especial. Seu pai dizia que ele tinha de ser bom com as crianças especiais, porque elas não tinham escolhido ser daquele jeito.

— O Bailey tem uma doença que faz os músculos dele ficarem fracos. Ele pode morrer, então não gosta quando as coisas

morrem. É difícil pra ele — explicou Fern, de forma simples e honesta. Na verdade, ela parecia ser inteligente. De repente os acontecimentos anteriores no acampamento de luta livre naquele verão fizeram sentido para Ambrose. Não era para Bailey lutar, porque ele tinha uma doença. Ambrose se sentiu mal de novo.

Ele se sentou ao lado de Fern.

— Vou te ajudar a enterrar a aranha.

Ela levantou e saiu correndo pela grama em direção à própria casa, antes que Ambrose tivesse terminado de dizer as palavras.

— Tenho uma caixinha perfeita! Veja se você consegue tirar a aranha da calçada — ela gritou por cima do ombro.

Ambrose usou um pedaço de casca de árvore da floreira dos Sheen para recolher os restos mortais da aranha. Fern estava de volta em trinta segundos. Ela segurou aberta a caixinha de anel branca, e Ambrose colocou as tripas da aranha no tecido imaculado de algodão. Fern colocou a tampa e fez um gesto solene. O garoto a seguiu até o quintal da casa dela e então, juntos, abriram um pequeno buraco tirando punhados de terra de um canto do jardim.

— Esse tamanho deve dar — disse Ambrose, pegando a caixa da mão de Fern e colocando-a no buraco. Eles olharam para a caixa branca.

— A gente precisa cantar? — perguntou Fern.

— Só conheço uma música de aranha.

— A da Dona Aranha?

— É.

— Também só conheço essa.

Juntos, Fern e Ambrose cantaram a canção sobre a aranha que era derrubada da parede pela chuva forte. Depois, quando passava a chuva e o sol voltava a surgir, a aranha teimava em subir outra vez.

Quando a música terminou, Fern colocou a mão na de Ambrose.

— A gente deveria fazer uma pequena oração. Meu pai é pastor. Eu sei orar, então eu falo.

Ele se sentiu estranho por segurar a mão dela. Estava úmida e suja por cavar a sepultura e era muito pequena. Mas, antes que ele pudesse protestar, Fern já estava falando, com os olhos fechados apertados e o rosto franzido com a concentração.

— Pai Celestial, somos gratos por tudo o que o Senhor criou. Adoramos observar essa aranha. Ela era legal e fez a gente feliz por um minuto antes que o Ambrose a esmagasse. Obrigada por tornar bonitas até as coisas feias. Amém.

Ambrose não tinha fechado os olhos. Ficava observando Fern. Ela abriu os olhos e sorriu para ele docemente, soltando sua mão. Então começou a empurrar a terra por cima da caixa branca, cobrindo-a completamente e dando tapinhas por cima. Ambrose encontrou umas pedrinhas e as arrumou formando um A, de aranha. Fern acrescentou algumas pedras em forma de B, ao lado do A de Ambrose.

— Por que o B? — Ambrose perguntou. Pensou que talvez a aranha tivesse um nome que ele não conhecia.

— Aranha Bonita — ela disse simplesmente. — É assim que vou me lembrar dela.

ter coragem.

SETEMBRO DE 2001

Fern adorava o verão, os dias preguiçosos e as longas horas com Bailey e com seus livros, mas o outono na Pensilvânia era absolutamente de tirar o fôlego. Ainda estavam no início da estação, nem eram meados de setembro, mas as folhas já tinham começado a mudar de cor, e Hannah Lake mostrava-se coberta de toques coloridos, misturados ao verde profundo do verão que minguava. As aulas haviam recomeçado. Agora eles estavam no último ano, no topo da pirâmide; restava um ano até a vida real começar.

Entretanto, para Bailey, a vida real era o agora, o instante presente, pois todos os dias eram uma ladeira que descia. Ele não ficava mais forte, ficava mais fraco. Não se aproximava da vida adulta, ficava mais perto do fim. Por isso, Bailey não enxergava a vida da maneira como todos os outros enxergavam. Tinha se tornado muito bom em viver o momento, sem olhar muito longe para o que poderia vir.

A doença de Bailey havia lhe tirado a capacidade de levantar os braços até mesmo à altura do peito, o que tornava

impossível fazer todas as pequenas coisas que as pessoas faziam todos os dias sem pensar duas vezes. Sua mãe ficara preocupada por ele continuar na escola. A maioria das crianças com distrofia muscular de Duchenne não passava dos vinte e um anos, e os dias de Bailey estavam contados. Estar exposto à doença diariamente era uma preocupação, mas a incapacidade de tocar o rosto, na verdade, o protegia de germes que o resto das crianças passava pelo corpo todo, por isso Bailey raramente perdia um dia de aula. Se segurasse uma prancheta no colo, conseguia escrever, mas segurar a prancheta era desajeitado e, se ela escorregasse e caísse, Bailey não conseguia se abaixar para pegá-la. Era muito mais fácil usar um computador ou deslizar a cadeira de rodas para perto de uma mesa e apoiar as mãos em cima. A Escola de Ensino Médio de Hannah Lake era pequena e não tinha muitos recursos, mas, com um pouco de ajuda e alguns ajustes na rotina normal, Bailey terminaria o ensino médio, provavelmente entre os melhores da classe.

A segunda aula era de pré-cálculo e estava cheia de alunos do último ano. Bailey e Fern se sentavam no fundo da sala, numa mesa alta o bastante para Bailey poder usar, e Fern havia sido designada sua ajudante, embora ele a ajudasse mais nas aulas do que ela a ele. Ambrose Young e Grant Nielson também se sentavam no fundo da sala. Fern estava feliz da vida por ficar tão perto de Ambrose — mesmo que ele não soubesse que ela existia —, a mais ou menos um metro de

distância de onde ele estava sentado, enfiado numa carteira pequena demais para alguém do seu tamanho.

O sr. Hildy estava atrasado. Ele normalmente se atrasava para a segunda aula, e ninguém se importava de verdade. Ele não tinha a primeira aula, e era comum encontrá-lo de manhã com uma xícara de café na sala dos professores, na frente da TV. Mas, naquela terça-feira, ele entrou na sala e ligou o aparelho que ficava pendurado no canto da classe, logo à esquerda da lousa. Os televisores eram novos, as lousas eram velhas, e o professor mais velho ainda, por isso ninguém prestou muita atenção quando ele ficou parado olhando fixo para a tela, assistindo ao noticiário sobre uma queda de avião. Eram nove horas da manhã.

— Silêncio, por favor! — o sr. Hildy rosnou, e a classe obedeceu relutante. A imagem na tela enfocava dois edifícios altos. Um tinha fumaça negra e fogo tremulando pela lateral.

— É Nova York, sr. Hildy? — alguém perguntou da primeira fila.

— Ei, o Knudsen não está em Nova York?

— É o World Trade Center — disse o sr. Hildy. — Aquilo não era um avião de passageiros, não me interessa o que estão dizendo.

— Olha! Tem outro!

— Outro avião?

Houve um suspiro coletivo.

— Caralh...! — A voz de Bailey sumiu e Fern apertou a mão sobre a boca, enquanto todos assistiam a outro avião se

chocar contra a lateral da segunda torre, a que ainda não estava em chamas.

Os repórteres estavam reagindo de maneira muito parecida com a dos alunos da classe: chocados, confusos, esforçando-se para encontrar algo inteligente para dizer, enquanto fitavam, com horror crescente, o que claramente não era um acidente.

Naquele dia não houve atividade de cálculo. Em vez disso, a classe de matemática do sr. Hildy assistiu à história se desenrolar. Talvez o professor considerasse que os alunos do último ano tinham idade suficiente para ver as imagens que passavam diante deles, para ouvir as especulações.

O sr. Hildy era um velho veterano do Vietnã, não media as palavras e não tolerava política. Estava assistindo, com os alunos, aos Estados Unidos serem atacados, sem piscar, mas tremia por dentro. Ele sabia, talvez melhor do que ninguém, qual seria o custo. Vidas jovens. A guerra estava a caminho. Não tinha como não estar depois de algo assim. Não tinha como.

— O Knudsen não estava em Nova York? — perguntou alguém. — Ele disse que a família ia ver a Estátua da Liberdade e um monte de outras coisas. — Landon Knudsen era vice-presidente do grêmio estudantil, membro do time de futebol americano e alguém querido e bem conhecido por toda a escola.

— Brosey, a sua mãe não mora em Nova York? — perguntou Grant de repente, os olhos arregalados com a

lembrança súbita.

Os olhos de Ambrose estavam fixos na TV, o rosto tenso. Ele fez que sim com a cabeça uma vez. Seu estômago estava quente de pavor. Sua mãe não só morava em Nova York como era secretária numa agência de publicidade que ficava na Torre Norte do World Trade Center. Ambrose ficou repetindo para si mesmo que ela estava bem; seu escritório ficava em um dos andares inferiores.

— Acho bom você ligar para ela. — Grant parecia preocupado.

— Estou tentando. — Ambrose ergueu o celular, que não era para estar com ele na sala de aula, mas o sr. Hildy não reclamou.

Todos os colegas observaram Ambrose tentar de novo.

— Ocupado. Provavelmente todo mundo está tentando ligar. — Ele desligou o telefone. Ninguém disse nada. O sinal tocou, mas todos permaneceram no lugar. Alguns alunos saíram para a terceira aula, mas a notícia percorria os corredores da escola e o horário normal de aulas não era páreo para o drama que se apresentava. Os alunos que chegavam se sentavam sobre as carteiras ou ficavam de pé, encostados nas paredes, assistindo às imagens com todos os outros.

E então a Torre Sul desabou. Num minuto estava lá, e no outro não estava mais. Foi dissolvida numa nuvem que descia e se espalhava, branco-suja, grossa e gorda, jogando estilhaços, densa com a devastação. Alguém gritou e todos estavam

falando e apontando. Fern estendeu a mão e pegou a de Bailey. Duas meninas começaram a chorar.

O rosto do sr. Hildy estava branco como o quadro sobre o qual ele escrevia para ganhar a vida. Ele olhou para os alunos amontoados em sua sala de aula e desejou que nunca tivesse ligado a TV. Não precisavam ver aquilo. Jovens, inexperientes, inocentes. Sua boca se abriu para tranquilizá-los, mas sua intolerância a baboseiras lhe roubou a fala. Não havia nada que ele pudesse dizer que não fosse uma mentira deslavada ou que não fosse assustá-los ainda mais. Não era real. Não podia ser. Era uma ilusão, um truque de mágica, apenas fumaça e espelhos. Mas a torre tinha desaparecido. A segunda torre a ser atingida, a primeira a ir abaixo. Passaram-se apenas cinquenta e seis minutos entre o impacto e o desabamento.

Fern se agarrou à mão de Bailey. A nuvem ondulante de fumaça e poeira parecia o enchimento de seu velho urso de pelúcia. Ela o ganhara como prêmio numa feira na escola, cheio de algodão barato, um emaranhado sintético. Havia acertado Bailey na cabeça com ele, e o braço direito tinha rasgado e caído, vomitando o enchimento branco emaranhado em todas as direções. Mas aquilo não era uma feira escolar. Era um beco do medo, incluindo ruas labirínticas, cheias de pessoas cobertas de cinzas. Como zumbis. Mas aqueles zumbis choravam e gritavam por socorro.

Quando ouviram a notícia de que um avião caíra nos arredores de Shanksville, a pouco mais de cem quilômetros de

Hannah Lake, os alunos começaram a sair da sala de aula, incapazes de suportar mais. Correram para fora da escola em massa, precisando ter a garantia de que o mundo não estava acabado em Hannah Lake, precisando da família. Ambrose Young ficou na sala do sr. Hildy e viu a Torre Norte vir abaixo uma hora depois de a Torre Sul desabar. Sua mãe ainda não estava atendendo o telefone. E como poderia, quando ele não conseguia nada mais que um zumbido estranho na linha quando tentava ligar? Ele foi para a sala de luta livre. Lá, no canto, no lugar onde se sentia mais seguro, sentado no tatame estendido frouxamente, fez uma oração estranha. Ele não estava à vontade para pedir nada a Deus, quando este obviamente tinha tanta coisa para fazer. Com um “amém” sufocado, Ambrose tentou ligar para a mãe mais uma vez.



JULHO DE 1994

No alto das instáveis arquibancadas marrons, Fern e Bailey estavam sentados, chupando o picolé roxo que tinham surrupiado do freezer na sala dos professores e olhando para os corpos se contorcendo e lutando no tatame, com o fascínio dos excluídos. O pai de Bailey, que era treinador de luta do ensino médio, estava fazendo o acampamento juvenil anual de luta livre, e nenhum dos dois participava; meninas não eram encorajadas a lutar, e a

doença de Bailey tinha começado a enfraquecer seus membros de modo significativo.

Basicamente, Bailey tinha nascido com toda a força que teria para o resto da vida, por isso seus pais tiveram de considerar cuidadosamente o quanto de esforço ele poderia fazer. Se fosse muito, seus músculos distenderiam. Em uma pessoa normal, os músculos distendidos se reparam e ficam mais fortes que antes, o que vai formando músculos maiores. Os músculos de Bailey não conseguiam se reconstruir, mas, se ele não fizesse atividade física suficiente, eles enfraqueceriam mais depressa. Desde os quatro anos, quando ele fora diagnosticado com distrofia muscular de Duchenne, a mãe de Bailey vinha monitorando o esforço físico do filho como um sargento, fazendo-o nadar com um colete salva-vidas, mesmo que Bailey conseguisse nadar como um peixe, determinando sonecas, descanso e caminhadas calmas na vida atarefada do filhinho, para que ele mantivesse a capacidade de evitar uma cadeira de rodas durante o maior tempo possível. E até então estavam derrotando as circunstâncias. Aos dez anos, a maioria das crianças com Duchenne já estava presa à cadeira de rodas, mas Bailey ainda estava andando.

— Posso não ser tão forte como o Ambrose, mas ainda acho que poderia vencê-lo — disse Bailey, seus olhos se estreitando para a luta que acontecia lá abaixo. Ambrose Young se destacava como ninguém. Estava na mesma classe de Bailey e Fern, mas já tinha onze anos, o que o tornava velho para a série, além de ser vários centímetros mais alto que todos os meninos de sua idade. Agora ele enfrentava alguns dos garotos da equipe de luta livre do

ensino médio que ajudavam no acampamento, e estava segurando a bronca. O treinador Sheen o observava de fora, gritando instruções e parando a ação de vez em quando para demonstrar uma maneira de segurar o adversário ou de se mover.

Fern bufou e lambeu o picolé roxo, desejando que tivesse um livro para ler. Se não fosse o picolé, teria ido embora havia muito tempo. Meninos suados não lhe interessavam muito.

— Você não conseguiria derrotar o Ambrose, Bailey, mas não se sinta mal. Eu também não conseguiria.

Bailey olhou para Fern indignado, girando tão rápido que o picolé pingando escorregou de sua mão, bateu em seu joelho magro e caiu.

— Posso não ser musculoso, mas sou muito inteligente e conheço todas as técnicas. Meu pai me mostrou todos os movimentos, e ele diz que eu tenho uma ótima cabeça para luta livre! — Bailey se gabou com a boca voltada para baixo, numa careta irritada, o picolé agora esquecido.

Fern bateu no joelho dele e continuou lambendo o seu picolé.

— Seu pai diz isso porque te ama. Assim como a minha mãe diz que eu sou bonita, porque ela me ama. Eu não sou bonita... e você não pode vencer o Ambrose, amigo.

Bailey se levantou de repente, oscilando um pouco, fazendo o estômago de Fern dar uma cambalhota de medo quando ela imaginou o amigo caindo da arquibancada.

— Você não é bonita! — Bailey gritou, fazendo Fern ferver de raiva instantaneamente. — Mas meu pai nunca mentiria